

A dimensão mística do nascer¹

The mystical dimension of birth

Carolina de Carvalho Duarte Guimarães²
carolina@gerando.com.br

Resumo

Nascer é cruzar o véu que separa duas formas de existir. A primeira, dentro do ventre, uma existência passiva, entregue, disponível. Um ser totalmente criado, envolvido e nutrido por um outro ser. Dentro do casulo materno o bebê não percebe a existência, apenas flui conforme o ritmo do desenvolvimento celular, embalado pelos sentimentos e sensações da mãe. A segunda existência é o mundo da matéria, afetos, espaço, tempo, limite, individualidade, consciência. Um ser totalmente dependente caminha para sua autonomia. Na travessia entre estes dois modos de ser, existe uma porta estreita e cruzá-la constitui um grande ritual de passagem. Socialmente este percurso é investido por um medo profundo da morte e para evitá-la foram instituídos uma série de cuidados preventivos. Com o tempo o rito de passagem foi transformado em um ato médico, desprovido de qualquer espiritualidade. Neste trabalho, baseada em pesquisa bibliográfica, aprofundo o olhar sobre a maravilha do nascimento como experiência mística para o bebê, para a mulher e para o homem, que são banhados por essa grande força da natureza em ação. Do ponto de vista espiritual conceber, gestar e parir um ser humano significa a renovação da vida em sua essência mais primitiva. A possibilidade de vivenciar esse momento com consciência de sua grandiosidade tem sido relatada como experiência potente de transformação individual, familiar e social, pois a emoção ligada ao nascer em plenitude está diretamente vinculada a valores sociais humanos como pertencimento, amparo, atenção, delicadeza, hospitalidade que contribuem para uma vivência espiritual mais ligada ao cotidiano e ao cuidado.

Palavras chave: Espiritualidade; Nascer; Experiência Mística; Cuidado.

Abstract

To be born is to cross the veil that separates two forms of existence. The first one, inside the womb, is a passive, susceptible and available existence. A totally created being, involved and nurtured by another being. Inside the maternal cocoon, the baby does not perceive the existence, he just flows with the rhythm of cell development, cradled by the mother's emotions and sensations. The second kind of existence is the world of the matter, affection, space, time, limits, individuality, and conscience. A completely dependent being walks towards its autonomy. In traversing between these two ways of

¹ Texto referente a uma Comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião - Polissêmica do Sagrado: interfaces entre diferentes formas de conhecer e interpretar fenômenos religiosos, realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, de 6 a 9 de outubro de 2014.

² Mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

being, there is a narrow door, and crossing it constitutes a great rite of passage. This path is socially invested by a profound fear of death and, to avoid it, a series of preventive care practices have been established. Eventually, this rite of passage was turned into a medical procedure lacking any trace of spirituality. In this study, based on bibliographical research, I deepen the look at the wonderfulness of the birth as a mystical experience for the baby, the mother and the father, who are bathed in this huge force of nature in action. From a spiritual point of view, conceiving, nurturing, and giving birth to a human being is the renewal of life in its most primal essence. The possibility of living this moment aware of its grandeur has been reported as a potent experience of individual, familiar and social transformation, because the emotions associated to being born in its plenitude are directly linked to human social values such as the senses of belonging, support, attention, gentleness, and hospitality, which contribute to a spiritual existence more connected to love and care in the daily life.

Key words: Spirituality; Birth; Mystical Experience; Care.

Era uma vez, há muito tempo atrás, em algum lugar entre o que já existia e o que estava ainda por existir, dois seres que movidos pela força de um desejo que ultrapassava as margens da razão, se encontram. Duas individualidades polares, duas pessoas, se olham e não conseguem mais ser somente um. Dois princípios, um masculino, outro feminino, conectados: algo do outro passa a pulsar dentro de cada um. Os corações disparam, as peles se arrepiam e uma força irresistível atrai os dois corpos para um entrelaçar físico, atendendo ao chamado do espírito, algo que as palavras não alcançam. Amalgamando histórias de vida, sonhos, crenças, esperanças e temores, no momento exato a fusão faz existir um terceiro elemento, um terceiro coração passa a habitar o corpo de um deles. Agora duas almas batem em harmonia onde todas as forças primordiais parecem estar presentes e unidas para gerar uma nova vida que consiste numa perfeita e complexa combinação daqueles dois primeiros seres entregues a força da paixão. Sangues, células, átomos, respiração... Nunca nada mais será o mesmo para essas duas pessoas. Mesmo sem consciência, algo grandioso tem início.

Quando um óvulo, princípio da qualidade feminina receptiva e fecunda, é atingido por um espermatozoide, princípio masculino ativo e desbravador, um singelo ponto boiando no infinito começa a se transformar. Uma dança rara provoca combinações sincrônicas e logo deste minúsculo círculo perfeito se formam centenas, depois milhares e em seis semanas algo que era apenas fluxo, vira nó. Ganha cadência, ritmo, pausa e ação, contração e dilatação, sístole-diástole: um coração. As forças

cíclicas da natureza já imperam neste ser, que movido por uma confiança primordial, se entrega à vida por excelência.

Sejam quais forem as circunstâncias que envolvem este momento, ele é sempre uma criação. Uma fusão de dois seres criando outro. Um continuo de tecelagem que traz consigo uma sabedoria divina em essência, pois não é regido por forças humanas ou materiais. Podemos descrever, acompanhar e admirar o processo, podemos senti-lo em plenitude, mas não há controle e muito menos garantias. É a explosão da vida banhada pelo mistério revelador transformando a matéria e esta se abrindo ao gesto espontâneo da criação. Uma mulher está agora com uma outra pessoa dentro do seu ventre. Independentemente de sua consciência sobre este fato, independentemente de seus sentimentos com relação a sua gestação, todas as células de seu corpo se dedicam a formar e nutrir este novo ser. Vou repetir: independentemente de sua consciência, ou seja, da parte que nos caracteriza como humanos; e independentemente do tipo de sentimento que esta mulher possa cultivar com relação à gestação e ao bebê, ou seja, da parte que nos liga aos mamíferos; suas células, comandadas pela porção mais primitiva de nossos corpos, a que evolutivamente nos liga aos reptéis, trabalham em conjunto para materializar um ser humano, não um cabrito, ou uma flor. Nesse momento cada mulher, assim como cada fêmea de todas as espécies, se compara à Terra, nossa Grande Mãe Terra, que dá nascimento à todos os seres (Eliade, 2001, p.117).

Estamos falando do mistério central do mundo (Eliade, 2001, p.123) do ato da criação da vida, especificamente da vida humana. Neste sentido, parece importante dedicar uma especial atenção a essas duas células que unidas geram o ser humano. Porém isso pode levar a caminhos distintos. Se a atenção for voltada para a matéria, às células desprovidas de mistério, toma-se a trilha científica, seca e linear, que leva a experimentos de laboratório, como fertilização *in vitro*, clonagem, manipulação genética. Por outro lado, se acrescentarmos uma percepção ampla do fenômeno da vida, chegaremos a uma clareira iluminada, onde estas mesmas duas células, ocupam um lugar muito próximo da simplicidade singela do sagrado assim como ressalta Eliade:

A gestação e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela terra; a mãe humana não faz mais do que imitar e repetir este ato primordial da aparição da vida no seio da Terra. Por isso a mãe humana deve colocar-se em contato direto com a Grande Mãe, afim de se deixar guiar por ela na realização do grande mistério que é o nascimento de uma

vida, para receber dela as energias benéficas e encontrar aí a proteção maternal. (2001, p.119)

A união do polo masculino com o polo feminino da vida e todo o desenrolar dessa criação, se encaradas a partir de uma perspectiva da espiritualidade ali circunscrita, evocam atitudes de respeito e admiração, de cuidado e confiança, de paz e aceitação: um dentro do outro. O pequenino contido pelo grande, o grande contendo o pequenino. Podemos considerar que neste primeiro momento dá-se o primeiro nascimento do novo ser (Wilheim, 2006, p27). Segue o relato de uma gestante sobre sua experiência:

Lembro do dia que descobri uma habitação estrangeira em meu corpo. Fiquei perplexa! Primeiro pela maneira improvável como tudo tinha acontecido. Depois pelo desafio: amar um homem já era desconcertante, gerar um filho desse amor era desnudar esse afeto para o mundo de maneira radical e bela, de uma beleza rara que não existe sem algo de estranho nas proporções. Tudo me parecia demasiado, convulsivo, obscuro. Estava grávida e passei dias embriagada e com medo dessa descoberta: não havia nada mais extremo do que dividir seu corpo para caber ali outra existência, nada mais alucinante do que ter as mãos trêmulas de tanto sonhar em pegar no colo essa outra existência. Desprevenida e tomada pela surpresa de intensidade inesperada, procurei minha própria grafia estendida no lugar comum: gestante não era nomeação que cabia em mim. Era o mundo que estava grávido comigo, prenhe de sentidos e emoções novas. Foram tantos meses onde caminhei por um território da incerteza, vendo surgir em mim um amor sem medida. Nas andanças por laboratórios e cartilhas que me eram apresentadas, recusei sistematicamente tudo que massacrava a dimensão da experiência singular que surgia. Um filho era também uma fera me espreitando, uma loucura, um amor que denunciava minha humanidade e minha precariedade. (D)³

Uma mulher grávida experimenta muitos sabores e ela precisa se acostumar a eles. Destaco aqui a palavra perplexidade que me remete ao temor reverente. Saber que se carrega dentro de si um outro ser é grandioso demais e nos expõe a percorrer caminhos internos repletos de desafios. Desnudar afetos, se dispor ao mistério e ao mesmo tempo compor o mistério. Amor e medo são duas palavras que andam juntas no coração de uma mulher que gesta. Cada uma acolhe ou rejeita esses sentimentos ambivalentes de maneira singular, mas sempre passa por eles. Ambivalência está na

³ Assinalo com o código (D) os depoimentos de mães registrados através de entrevistas ou recolhidos através de compartilhamento em site de relacionamento, especificamente o Facebook. Local largamente usado por mulheres que relatam suas experiências de maternidade.

essência dessa espera: momento de maior potência e maior fragilidade; de encontro genuíno e de isolamento absoluto. Bom seria se cada mulher em particular e o ambiente a sua volta percebessem que a cada gestação o mundo inteiro está grávido também. Se trata de um tempo de renovação.

Quando eu fiquei grávida a gente foi passar férias na Bahia, numa praia de desova e aí a tartaruga, né? Eu estava andando na praia, começou a chover, praia deserta, norte da Bahia, praia totalmente deserta, não tinha nenhuma outra pessoa. Eu e meu marido andando na praia e começou a chover, mas como estava muito calor a gente continuou andando. Estava chovendo, mas tudo bem. De repente parou de chover! E parou de chover só no lugar onde a gente estava. Para frente estava chovendo, para trás estava chovendo e onde a gente estava, não. E, sabe aquele raio de luz que atravessa a nuvem, que é tipo o Divino Espírito Santo? Tipo, a representação da divindade na Terra? Aquele Sol atravessando!? Daí eu falei: nossa, mas eu sou muito abençoada!! Agradei ao céu! E quando eu fui agradecer a Terra eu vi uma coisinha preta no chão! E era a tartaruguinha! Nesse lugar iluminado! E aí me emocionei muito, me conectei muito com aquela tartaruguinha e aí eu fiquei achando que ela era a minha filha, que **eu tinha que ajudar ela a viver e aí a tartaruga me mostrou que ela não precisava de ajuda**. Porque as tartarugas... eu aprendi muito a ser mãe com aquela tartaruga, com aquela mãe-tartaruga. Porque a tartaruga sai do ovo e vai atravessar a areia e o tempo todo que ela está atravessando a areia ela tem umas patas grossas de jabuti, assim, um ser réptil da terra, né? E de repente, quando ela vai entrando em contato com a água, **as nadadeiras surgem** e ela vai nadando, e ela vai nadando e ela **aprende a nadar sozinha**. Fascinante aquela tartaruga. E ela foi, rompeu a arrebentação, foi entrado no mar e eu fiquei ali **fascinada, grávida**. Aí eu fiquei muito interessada pela vida das tartarugas e fiquei sabendo que as tartarugas marinhas nascem daquele jeito, sem ver as mães, as mães não estão no mar esperando por elas. Elas vivem lá, sozinhas, vão para muito longe, nadam distâncias muito longas e depois de 25 anos de vida elas voltam para a mesma praia para desovar. E eu estava com 25 anos! Cara, eu fiquei muito, muito emocionada! (D)

Neste depoimento destaco dois aspectos muito significativos. O primeiro é o da entrega. Um bebê dentro do ventre não precisa de nossa ajuda. Claro, a mulher pode se alimentar melhor, vigiar seus pensamentos para que estes se tornem mais positivos, pode receber cuidados externos, mudar seu ritmo de vida, e isso tudo com certeza vai influenciar a qualidade de desenvolvimento do bebê. Porém, ele não precisa da sua ajuda, entendem a sutileza? Algo vai fazer as “patas de jabuti se transformarem em nadadeiras” e você não influencia diretamente esse processo. Ele precisa somente viver essa solidão compartilhada nutritiva e acolhedora. Precisa que você esteja lá com ele, presente, e só. Laura Uplinger me disse palavras preciosas nesse sentido:

A gente se apega tanto a ser mãe que se esquece que é uma função de trampolim. O que é a pequena família senão um trampolim para a grande família humana? A gente fica tão satisfeito: eu sou mãe! Aquela satisfação, mas a minha plenitude é ele ser um ser vivo. Que bom que inclui a maternidade, mas eu sou uma filha do universo e o meu filho também é um filho do universo, não é MEU filho. O sagrado do gestar e do nascer é um compromisso, é um contrato, que aliás é o único que a gente não deve romper, um contrato de vir aqui na matéria. (CP)

A maternidade é presença e desaparego. Esta presença me leva ao segundo aspecto que quero destacar. A fascinação: “eu fiquei ali fascinada, grávida”. Estes dois depoimentos nos revelam como uma gestação vivida em profundidade pode nos lançar rumo ao infinito. Cada uma, a seu modo, traduz uma conexão tanto imanente como transcendente. Um movimento que se expande simultaneamente para as duas direções e que carrega um aprendizado especial: fazemos parte de um todo e ao mesmo tempo somos uma unidade. Gestamos, nutrimos, embalamos, mas o objetivo é deixar-ser para a vida, e para a morte.

O estado anterior ao da solidão é um estado de ainda-não-estar-vivo, sendo que o desejo de estar morto é em geral um disfarce para o desejo de ainda-não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar dá ao indivíduo a ideia de que existe um estado de não-estar-vivo cheio de paz, que poderia ser pacificamente alcançado através de uma regressão extrema. Muito do que geralmente é dito a respeito da morte, na verdade se refere a este estado anterior ao estar-vivo, no qual o estar sozinho é um fato e a dependência ainda se encontra muito longe de ser descoberta. A vida de uma pessoa consiste num intervalo entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro dos dois, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às ideias que as pessoas costumam ter sobre o segundo.” (Winnicott, 1990, p.154)

Esperar é ter esperança. É se pôr a serviço, proporcionar a um novo ser essa possibilidade de ainda-não-estar-vivo. É desenvolver dentro de si a paciência confiante nos ciclos, no tempo, na força da vida que traz e leva ao seu tempo. Passar pelo gosto amargo da ansiedade descrente e pelo jeito doce de uma borboleta na primavera. A experiência de ainda-não-estar-vivo estando vivo dentro do universo emocional de uma mãe, que gentilmente se conecta à grandiosidade ambivalente do mistério e se fascina, pode ser o maior presente para uma nova vida. Ambivalente porque não existem só flores no caminho das borboletas, mas há flores. Esperar, é um convite a enxergar as

flores mesmo nos galhos secos do inverno. Porque as primaveras escondem-se nos outonos, e os outonos estão carregados de primaveras (Rumi, 1992, p.117).

E o tempo vai passando, o mundo de dentro vai crescendo enquanto o mundo de fora parece todo diferente para esta mulher. Novas percepções, novas prioridades e a atenção naturalmente voltada para o próprio umbigo, como se de repente o universo inteiro girasse ao redor daquela barriga. Lá dentro um novo ser é preparado. Vida em fluxo. E quando chega a hora certa, a hora da prontidão, algo muda o ritmo do fluxo. Como ondas que vem e vão, aquele corpo que antes nutria e carregava o bebê, passa a se esforçar para expulsá-lo. A mulher se aperta ou como me relatou uma gestante: vira do avesso como um boneco de pano. Gestar e parir são experiências extremas em todas as dimensões: fisiológica, psicológica, espiritual e social. Culturalmente este é um evento médico, vivido sob uma atmosfera de medo: temor da morte, da dor, do desconhecido... este medo, tanto dos cuidadores como das famílias, atende a uma crença de que o corpo feminino não funciona, de que de repente o bebê passa a correr risco. Isso fez com que se criasse uma série de técnicas de intervenção no processo fisiológico com o objetivo de acelerar nascimento. O Brasil tem o maior índice de cesarianas do mundo⁴, a grande parte delas sem entrar em trabalho de parto. Apesar disso, ou, por isso, algumas mulheres têm escolhido vivenciar este processo com todos os sentidos despertos⁵. Existe um movimento de retomada da responsabilidade deste momento por parte de algumas mulheres e de alguns profissionais. A percepção social atual do parto vem mudando. Podemos e queremos parir, elas dizem.

Aquele que deseja colher os frutos deve lutar com o monstro guardião e matá-lo, ou seja, submeter-se a uma *prova iniciática de tipo heróico*: o vencedor obtém 'pela violência' a condição sobre-humana, quase divina, da eterna juventude, da invencibilidade e da onipotência.(Eliade, 2001, p.125)

O trabalho de parto é algo que acontece, simplesmente acontece. De repente o corpo para de responder aos nossos comandos, vira outra coisa. Uma força passa a agir por nós, nos perpassa, nos amassa, mói; descontrói, por etapas, tudo que foi erguido em dez luas. O parto marca a separação e ela em si é traumática, há um corte no modo de

⁴ Segundo *Pesquisa Nascer no Brasil* realizada pela Fiocruz e publicada em 2014.

⁵ Moltiman, J. *Spiritualità dei sensivi*. Modena: Fondazione Collegio San Carlo di Modena, 2006.

existir desses dois seres. Ricardo Jones busca os primórdios do nosso desenvolvimento como espécie para tentar entender porque o parto humano é tão difícil.

Nossa história foi marcadamente cultural depois do processo de encefalização ocorrido há dois milhões de anos passados. Depois de termos conquistado a bipedalidade, o crescimento cerebral foi o grande processo adaptativo que nossa espécie teve de enfrentar. A necessidade do crescimento de massa encefálica foi consequência de uma maior especialização do nosso cérebro pelas crescentes tarefas incorporadas ao nosso dia a dia (Jones, 2004, p.40).

O tamanho do cérebro humano e as adaptações que aconteceram na pelve, para possibilitar o equilíbrio sobre duas pernas, fez do nascimento humano um evento singular. Somos uma espécie altricial, ou seja, os bebês humanos não nascem prontos. Passam ainda um longo período totalmente dependentes do cuidado de outrem, pois sem ele não estariam aptos a sobreviver.

Algumas modificações muito sutis aconteceram no fenômeno do parto, e é claro, eu reconheço que eu faço uma leitura do desenvolvimento da nossa espécie pelo filtro do nascimento, mas eu acho que é uma ferramenta curiosa, criativa e interessante, o fato de que o nascimento humano acabou se tornando um evento social contrariamente ao parto dos mamíferos superiores onde há o isolamento. Na nossa espécie o parto acontece na comunidade, junto com outras pessoas em função da fragilidade do recém-nascido e em função da posição específica do bebê no canal de parto, que faz com que ele nasça, na maioria das vezes, com a face voltada para baixo e portanto, com a coluna vertebral não alinhada com a coluna da mãe, contrariamente ao que acontece entre os antropóides como os gorilas, os chimpanzés, gibão, etc. (JR-CP)⁶

O parto humano é um evento social e a maneira como cada cultura lida com esse momento foi construída e expressa os valores das relações entre aquelas pessoas. Expressa o entendimento coletivo do cuidado, o que eles entendem por cuidar. Neste sentido é possível fazer uma reflexão sobre as crenças fundadoras de uma cultura a partir do modo como o parto é cuidado, como a parturiente e o bebê são acolhidos por essa comunidade. Segundo Ricardo Jones, existe uma particularidade fundamental no bebê humano se comparado aos filhotes de outros mamíferos. Somos uma espécie

⁶ Trecho da entrevista concedida pelo médico obstetra Ricardo Jones para minha pesquisa da Dissertação de Mestrado.

bípede, temos liberdade para criar maravilhas, desenvolvemos nossos cérebros e isso levou a um considerável aumento do seu volume, somos humanos, pensamos e vivemos em comunidade.

O cuidado, a exemplo do que afirma Leonardo Boff, é uma marca dessa espécie. Nós somos uma espécie de cuidadores, de pessoas que cuidam de pessoas, porque a nossa própria existência é determinada pela necessidade do cuidado. Também se tornou adaptativo, que omomentomais intenso dessa chegada ao mundo, um parto, se tornou paulatinamente mais difícil e complexo, mais árduo, como propriamente ficou retratado nas escrituras, na medida em que no Gênesis 3:16 está escrito “Parirás com dor e sangrarás todos os meses e ganharás o pão de cada dia com o suor do teu rosto”, ali ficava determinado que este parto ia ser difícil e teria uma característica diferente da dos outros mamíferos, ia ser especial e mais difícil, portanto ia ser um grande desafio. Nesse desafio o cuidado se tornou preponderante. Essas características fizeram com que todo ser humano nasça com uma dívida de cuidado, ele sabe que nasceu através do cuidado de outrem, ele sabe que a sua existência também foi marcada, não só pela dedicação de sua mãe, mas também por uma visão social e por um investimento da sociedade no seu próprio nascer. (RJ-CP)

As percepções sobre a qualidade do cuidado oferecido às gestantes foram se transformando ao longo do tempo de acordo com os pensamentos filosóficos que passaram a reger nossa sociedade a partir dos séculos XVII e XVIII e culminaram com o Iluminismo. Maturana faz uma interessante leitura do desenvolvimento de nossa sociedade a partir de um olhar sobre as modificações no emocional humano e de como a emoção de base qualifica as conversações e ações, as interações humanas, e cria valores. Ele atribui essa transformação ao início da era do patriarcado, que passa a se perpetuar em algum ponto histórico ainda antes de Cristo na Europa, onde as emoções de fundo que pautavam as relações se transformaram de uma percepção sistêmica e cooperativa do viver em comunidade, para uma coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (Maturana, 2011, p.37). Paulatinamente a percepção de mundo mais espiritualizada foi cedendo lugar à ciência e esta acabou adentrando o evento do nascimento que antes era reservado exclusivamente às mulheres e à sabedoria propriamente feminina. Hoje o cenário do nascimento no mundo ocidental, nas grandes cidades, no Brasil, é ocupado pela figura do médico e o palco central é o hospital.

Entende-se que a segurança do parto só pode acontecer se esta mulher passar por um acompanhamento especializado durante toda a gestação e se o nascimento acontecer em uma sala fria, repleta de aparatos tecnológicos, vigiada por uma série de profissionais altamente treinados para evitar riscos iminentes. Chegamos ao ponto de ter 51,8% de cesarianas no Brasil e 35% destas são realizadas entre 37 e 38 semanas de gestação, quando as mulheres nem chegaram a entrar em trabalho de parto (Fiocruz, 2014).

O panorama atual fala sobre o tipo de emoções que caracteriza hoje a atuação dos cuidadores, bem como a escolha das famílias no momento do nascimento de uma criança. O parto congrega os três elementos mais temidos em nossa sociedade: a vida, a morte e a sexualidade (Jones, 2012, p. 85). Portanto a emoção de fundo é o medo. Diante do desconhecido, do que não pode ser controlado, do que nos faz questionar nossas crenças de superioridade humana com relação à natureza e nossa própria existência, sentimos medo. O parto nos coloca diante de nosso começo e nos remete diretamente à consciência de nossa finitude. Nabokov inicia sua autobiografia com o seguinte relato:

O berço balança sobre um abismo e o senso comum nos diz que a nossa existência não é mais que uma fenda de luz entre duas eternidades de escuridão. Embora as duas sejam gêmeas idênticas, o ser humano, como regra, vê o abismo pré-natal com mais calma do que aquele para o qual se dirige (a cerca de quatro mil e quinhentas batidas por hora). Conheço, porém, um jovem cronóforo que sentiu algo como pânico ao assistir pela primeira vez filmes caseiros feitos poucas semanas antes de seu nascimento. Ele viu um mundo praticamente inalterado – a mesma casa, as mesmas pessoas – e então se deu conta de que ele não existia ali em absoluto e que ninguém lamentava a sua ausência. Viu de relance sua mãe acenando de uma janela do andar superior e esse gesto não familiar o perturbou, como se fosse um adeus misterioso. Mas o que o assustou particularmente foi a visão de um carrinho de bebê novo parado na varanda, com o aspecto presunçoso e invasivo de um caixão; mesmo aquilo estava vazio, como se, na inversão do curso dos acontecimentos, seus próprios ossos houvessem desintegrado. (2014, p.19)

O nascimento nos coloca face à face com nossa não existência de maneira nua e crua. Houve um tempo em que não existíamos e ninguém sentia a nossa falta. Haverá um tempo em que não existiremos mais e provavelmente, por um tempo, sentirão a nossa falta, mas a grande maioria de nós está fadada ao esquecimento. Ampliando para a dimensão planetária, se a humanidade inteira fosse exterminada da Terra, a vida

seguiria seu curso, talvez até de maneira mais potente que agora. Como bem destacou Nabokov, o censo comum vive o nascimento exaltando somente a sua dimensão de alegria, de soma, mas ao desconsiderarmos o segundo aspecto, passamos a lidar com esta dimensão mórbida e aterrorizante de forma inconsciente, lançamos mão de uma série de estratégias de controle que, de maneira ritualística, atendem aos nossos mecanismos de negação. Criamos vidas assépticas e anestesiadas.

O parto nos coloca diante do Nada heideggeriano que nos constitui. Quando o bebê está ali, aparentemente parado no canal, rodando para poder sair, acontece um movimento de vai e vem; quando podemos ver os cabelinhos, a cabeça coroando e voltando de acordo com o ritmo das contrações, neste último estágio da passagem, o tempo para. É o derradeiro véu que separa as duas existências. É o momento da maior angústia; não há como voltar, ninguém respira. Se esta mulher estiver sendo assistida por uma equipe que não dá conta dessa angústia, por uma equipe que não confia na fisiologia, ela será submetida a uma série de procedimentos que pretendem acelerar este momento. O fórceps é filho da angústia, a episiotomia e a manobra de Kristeller⁷, são seus irmãos. Mas a angústia é nossa, não do bebê. Ele continua sendo alimentado pela placenta e o tempo da hesitação⁸ é necessário para preparar mãe e filho para o encontro. Neste momento, eu costumo lembrar a equipe: respira... E então, como se entoassem um mantra, todos os presentes soltam o ar. Uma parteira com quem trabalho costuma dizer que este é o momento para a equipe se sentar sobre as próprias mãos, fazer qualquer coisa, mas não usá-las. A parteria, a arte do partejar, conectada com o mistério acolhe, recebe, não extrai ou impõe seu ritmo, respeita o ritmo.

A saúde integral do bebê que vai nascer precisa ser colocada no centro de nossas atenções. Ele é o elemento mais importante desta equação, que liga a mãe e a cultura em cadeia. Se investigarmos o evento do nascimento a partir das dimensões culturais e emocionais externas, podemos facilmente ser negligentes em perceber quais são as reais necessidades dos bebês durante esse processo. Está claro que ao cuidarmos das mães estamos cuidando também do neném, mas algumas palavras ainda precisam ser ditas

⁷ Fórceps, instrumento medieval utilizado para puxar o bebê no canal do parto. Episiotomia, o corte cirúrgico do períneo da mulher no momento em que o bebê está coroando. Manobra de Kristeller, empurrar o fundo do útero da mulher para ampliar a força da contração, normalmente realizada quando a mulher está anestesiada e parindo em decúbito dorsal, deitada de barriga para cima.

⁸ Winnicott descreve o “período de hesitação” como um momento de pausa antes da chegada do novo. (Mello F^o, 1989, p. 64-65).

sobre porque um nascimento natural, suave e fisiológico contribui para a melhor adaptação dele ao mundo. Tendo sempre em mente que do ponto de vista biológico o nascimento é um evento natural e que o bebê a termo, na esmagadora maioria das vezes, está fisicamente saudável, ou seja, de que não podemos encarar o parto como uma enfermidade e que o neném não precisa ser salvo, que não há um desequilíbrio a ser corrigido, passamos a entender a assistência ao parto com o essencial propósito de manter a saúde.

Gadamer procura entender o processo da saúde a partir de uma perspectiva integral que abrange as dimensões física, emocional e espiritual de uma pessoa. Caracteriza-se como uma qualidade de estar no mundo e uma busca por equilíbrio e ritmo. Destaca o caráter oculto da saúde, pois só pensamos nela quando está ausente. Uma pessoa está saudável, não vai ao médico, não toma remédio, não pede ajuda. O momento do nascimento de uma criança é normalmente o ápice da saúde de uma mulher. O bebê, que acabou de ser formado, também se encontra em sua maior potência. Porém, paradoxalmente, o momento de maior plenitude é também o de maior fragilidade. A mulher busca ajuda, cuidado e apoio. O bebê que acaba de chegar, também. Mas que qualidade de ajuda se faz necessária? Um cuidado que respeite as características singulares de cada mulher que está trazendo seu bebê ao mundo, um cuidado que encare o feto já como um futuro adulto, ou seja, que enxergue o bebê uma pessoa, um sujeito integral, dotado desde o ventre de emoções e memórias e que é preciso garantir sua integridade.

A ideia de se impedir a criança de vir no tempo dela é uma falta de respeito. Esse respeito para mim é sagrado. Quem é meu filho eu não sei, então vamos deixar todas as chances entre nós, que ele pelo menos saiba que eu estou ali para ele, afim de saber quem ele é... isso começa na hora do parto. Uma atmosfera de aceitação, do tipo, 'estou contigo e não abro'. É a sua trajetória e eu estou com você até você ser um adulto.(LU- CP)⁹

Um cuidado que garante o bem estar da gestante em primeiro plano, não só do ponto de vista físico, mas também sobre seus aspectos sociais, emocionais e espirituais, garantindo o respeito contemplativo de um evento natural e ao mesmo tempo crítico, abrindo espaço para que as experiências de conexão com o mistério da vida, quase

⁹ Trecho da entrevista concedida pela Psicóloga Laura Uplinger para minha pesquisa da Dissertação de Mestrado.

místicas, aconteçam. Experiências que vão marcar de maneira positiva o início da vida deste futuro adulto. Segue o relato de uma mulher, que teve a oportunidade de ter esse momento respeitado, e que passou por uma transformação profunda que certamente vai influenciar positivamente o modo de cuidar de seu bebê:

A dor foi se intensificando e eu fui me despedindo cada vez mais do mundo objetivo para entrar no meu mundinho particular. Sei que a Magê, outra doula, chegou em algum momento perto daqui, mas não me recordo muito bem em qual. A Gi me sugeriu o chuveiro e eu aceitei na hora. Eu andava devagar, passinhos curtos. No banheiro, comecei a tremer. Senti um frio intenso, como se estivesse com febre, era um misto de medo, confusão e dor. Nenhuma posição ajudava. Mergulhei na confusão em que me encontrava! Percebi que tentava racionalizar o que eu sentia e eu sabia que não era esse o caminho. Eu tava tentando achar um motivo para meus sentimentos, queria dar-lhes um nome para ver se dessa maneira os controlaria e estava quase me contentando com a explicação mais óbvia: que o meu medo era medo de parir no vaso. Mas definitivamente a questão era muito mais profunda do que aquilo e eu precisava me aprofundar na minha inconsciência, afrouxar os laços da realidade objetiva, estreitar a conexão com minhas emoções. A dor ajuda a gente com isso. Não tenho dúvidas de que é essa a função da dor em um trabalho de parto: a entrega total ao corpo, que tudo sabe. A dor me fez esquecer a vergonha. Me entreguei ao blackout do meu lado racional, passei a vocalizar alto e longo a cada contração. Até que ele, meu corpo, compreendeu, sem palavras, que o que ele precisava ali, naquele momento, era da minha mãe. E eu obedeci ao pedido.

-Pega o banquinho e fica aqui comigo?

Coração apertado, apertado. Acho que esse “fica aqui comigo” estava entalado na minha garganta desde quando eu era pequena. Ela sentou, eu estendi a minha mão procurando pela dela, ela pegou a minha e nesse momento senti meu peito se abrindo, meu corpo se abrindo, minha alma se abrindo, e eu chorei. Minha mãe estava ali pra mim, finalmente. E finalmente eu era capaz de pedir presença, me mostrar vulnerável. Nós duas que já trocamos tantas farpas nessa vida. Nós duas estávamos enfim ali, entregues a nós mesmas, a um novo princípio que não sabíamos e ainda não sabemos onde vai dar. Choramos. Copiosamente. Um choro sentido, como portas de uma velha represa, dando passagem para a água correr lavando e regenerando nossas almas. Era verdade então: parir faz a gente viajar pra onde nossas emoções mais ocultas se escondem, paraaquele escaninho da alma que preferimos fingir que não existe. Parir pode curar e eu ainda não sei bem exatamente quais das feridas recebeu o remédio, mas sei que o alívio foi imediato. O corpo, tendo o que pediu, se acalmou. O coração ficou leve. Eis que a Ana Cris aparece no banheiro. Eu sorri duplamente aliviada. Pelo nó desfeito no peito, pela chegada da parteira que anunciava a proximidade do momento mais esperado da minha vida. (D)

A dor do parto pode curar as chagas mais antigas de nossa alma, pode nos trazer de volta ao centro, aquele lugar da solidão que nos traz identidade, mas somente se nos

for permitida a entrega a ela. Infelizmente não há nada que de forma garantida possa preparar uma mulher para vivenciar as águas profundas, ou ela se joga e afunda, ou será jogada contra as pedras. Na grande maioria das vezes as dificuldades que emergem durante o parto são tão antigas, primordiais e inconscientes, que nunca nos demos conta delas antes. Se entregar a dor no parto e investigar seus medos profundos é a possibilidade que mulher tem de renascer. De reconectar-se com seu próprio nascimento e de crescer a partir dessa experiência. Para isso é necessário cultivar uma qualidade corajosa de presença ligada ao cuidado consigo, com a própria história e se abrir às surpresas que estão por vir. É preciso entender que a dor do parto é essencialmente diferente das dores provenientes de doenças e chagas. Ela não denota um desequilíbrio, mas sim a continuação de um caminho que teve início lá na fecundação e que agora chega ao seu destino. A dor do parto é a dor da saúde. E como diz o relato abaixo, o que se segue é claridade:

Claridade, o tempo parou, ficou tudo suspenso, como a imagem capturada por um flash. Eu senti claridade, claridade como um sentimento e como uma sensação. Depois, um tempo depois veio a ternura, o espaço, a vontade de chorar, a vontade de sorrir, era tudo claridade. Meus olhos deviam ter dez mil centímetros cada. Ah! Eu virei uma coruja ali, está explicado! (D)

Referências Bibliográficas

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIOCRUZ. *Pesquisa Nascer no Brasil*. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/pesquisa-revela-numero-excessivo-de-cesarianas-no-pais>. Acesso em 2014.

JONES, R. *Memória do homem de vidro: reminiscências de um obstetra humanista*. Porto Alegre: Ideias à granel, 2004.

MATURANA, H; Verden-Zoller, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athenas, 2011.

MOLTIMAN, J. *Spiritualità dei sensivi*. Modena: Fondazione Collegio San Carlo di Modena, 2006.

NABOKOV, V. *Fala memória*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RUMI, J. *Masnavi*. Rio de Janeiro: Edições Dervisch, 1992.

WILHEIM, J. *O que é psicologia pré-natal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.